



Releiamos

CAMÕES

nos seus 500 anos

Alocução proferida durante evento do Círculo Literário do Clube Naval, em homenagem aos 500 anos do nascimento de Luís de Camões

William Carmo Cesar *

PORTUGAL ENTRE O PESAR E UMA ESPERANÇA

Na véspera do Natal de 1524, morria em Cochim o recém-empossado Vice-Rei da Índia, o célebre navegador Vasco da Gama. No mesmo ano, em Portugal, nascia Luís de Camões, que se tornaria um dos maiores poetas portugueses.

Fora um ano de tristeza para a história das navegações e conquistas portuguesas, mas também um ano de promessa, ainda não revelada, para a sua literatura.

As histórias desses dois vultos notáveis estão intimamente entrelaçadas e ligadas às navegações e feitos portugueses, às quais, por oportuno, acrescento a de um terceiro e ilustre nome: o Infante Dom Henrique, ainda que esses três famosos portugueses não tenham sido contemporâneos, pois cada um deles nasceu logo após a morte do outro.

AS GRANDES NAVEGAÇÕES LUSITANAS

Dom Henrique, como é sabido, foi o principal mentor e idealizador dos projetos das viagens marítimas e das conquistas lusas no além-mar. Graças a ele, que passou à história com o cognome de “O Navegador”, no final do século 15 o Atlântico deixou de ser um mistério para as seguras e rápidas caravelas.

Vasco da Gama foi o executor da maior daquelas façanhas, comandando a longa e pioneira viagem que inaugurou a tão almejada Carreira da Índia. Partindo do Restelo, em julho de 1497, a bordo da Nau “São Gabriel” de 100 toneladas de deslocamento, capitânia de uma frota de quatro navios, cruzou o Atlântico passando pela Madeira e por Cabo Verde, ultrapassou o Cabo da Boa



Esperança e foi passar o Natal já do outro lado da África. Em seguida subiu a costa africana, passou por Moçambique e Mombaça até alcançar Melinde, na região do atual Quênia. A partir dali, com a ajuda de um piloto árabe, Ibn Majid (1421-1500), cruzou o Mar da Arábia, ao norte do Índico, até chegar finalmente a Calicute, em 20 de maio de 1498. A partir dessa longa viagem, o tráfico dos exóticos produtos asiáticos deixaria de ser efetuado através do Golfo Pérsico e do Mediterrâneo. Desbravadas suas águas, o Atlântico fora transformado em um mar português.

Camões foi o intelectual, o erudito que poetizou, de forma épica e admirável, aquele grandioso feito lusitano, em uma obra cuja fama eternizou-se para além das comunidades de língua portuguesa. Sobre sua vida, lembro-me que, à época do ginásio, pouco estudávamos, mas sobre sua obra, tivemos a oportunidade de conhecer pelo menos alguns dos versos mais expressivos do seu primeiro canto, os quais ficaram guardados em minha memória:

“Por mares nunca dantes navegados / Passaram ainda além da Trapobana...”

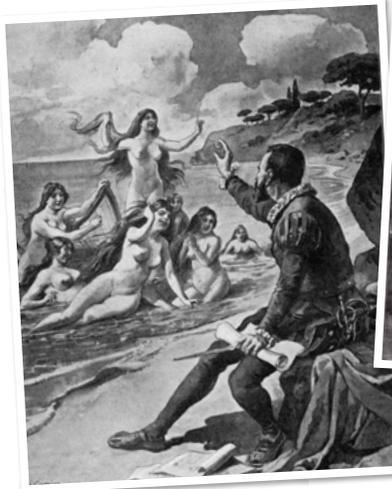
“Cantando espalharei por toda parte / Se a tanto me ajudar o engenho e a arte...”

“Cesse tudo que a Musa antiga canta / Que então valor mais alto se alevanta.”

CAMÕES E SEU TEMPO

Vasco da Gama e Camões, como disse, viveram épocas distintas, este começando a sua caminhada pela vida no ano da morte daquele. Mas a viagem pioneira de Vasco da Gama à Índia uniu as suas histórias ao se tornar o mote inspirador do poema épico camoniano.

Camões não foi engajado marinheiro, mas tornou-se um homem do mar graças às viagens marítimas que realizou, enfrentando os mesmos mares bravios que o famoso navegador, em cruzeiros de longa duração a bordo de naus de características semelhantes,



pequenas e desconfortáveis. Suas aventuras para além de Portugal começaram

em 1548, no vizinho norte da África, em Ceuta, como soldado, onde experimentou a vida dura do serviço militar e provavelmente perdeu seu olho direito (D'EÇA, 1880).

De regresso a Lisboa, tempos depois partiu para viagem mais distante, com destino à Índia, fixando-se em Goa. Permaneceu no Oriente de 1553 a 1567, período no qual teve a oportunidade de descer a costa do Malabar, visitar Cochim, navegar pelo mar Vermelho e pelo golfo de Adem e alcançar provavelmente o mar da China, via Malásia.

Em 1568 iniciou viagem de regresso a Portugal, com passagem por Moçambique, na costa oriental africana, onde teria aprimorado e concluído *Os Lusíadas*, obra possivelmente elaborada em grande parte durante aquela longa jornada pelo Oriente. Chegou a Portugal em 1570 e, dois anos depois, conseguiu publicar este seu mais famoso poema épico.

Luis de Camões faleceu em junho de 1580.

CAMÕES MARINHEIRO E HUMANISTA

Em maio de 1967, adquiri um exemplar de *Os Lusíadas* que guardo ainda hoje. A releitura desse livro permitiu-me perceber um pouco melhor a complexidade de cada um dos dez cantos que compõem o épico poema, sua estrutura literária, suas citações históricas e mitológicas, e situar-me nos tempos de Camões e Vasco da Gama.

Nele também encontrei um perfil bem completo, a meu juízo, sobre Camões, traçado pelo poeta e linguista alemão Wilhelm Storck (1829-1905), tradutor de suas obras para o alemão, que assim descreveu o autor de *Os Lusíadas*:



“Filho legítimo do Renascimento, e humanista dos mais doutos e distintos do seu tempo, pelos múltiplos e variadíssimos conhecimentos em história universal, geografia, astronomia, mitologia clássica, literaturas antigas e modernas, poesia culta e popular, tanto da Itália como da Espanha, aproveitando-as com a mais perfeita exatidão” (CAMÕES/RAMOS, p.14).

Em uma outra obra, *Camões Marinheiro*, do historiador português e almirante Vicente de Almeida d’Eça (1852-1929), o autor descreve Camões como um “conhecedor dos mares, pois percorreu os oceanos, presenciou as tempestades e sofreu como marinheiro, em uma época em que a geografia, a astronomia e a náutica eram ciências, além de atrasadas, possuídas por poucos, e quando os reais perigos do mar eram ainda confundidos com os horrores e medos imaginários das Tradições do Mar Tenebroso”. (D’EÇA, 1880, pos.31,35 e 48).

OS LUSÍADAS

Segundo o professor Braz da Silva, autor do livro *Camões Marinheiro*, “*Os Lusíadas* é um poema do mar, e não é só poesia, é, na verdade, a própria navegação, em cantos magistrais”. (SILVA, 1972). De fato, já no primeiro desses cantos, em suas três estrofes iniciais, encontramos tema e propósito desse notável e clássico poema assim sintetizados:

Cantar e espalhar por toda parte os feitos heróicos do povo lusitano, suas viagens por mares nunca dantes navegados, suas descobertas, conquistas e o Novo Reino que edificaram na longínqua Ásia e exaltar o surgimento dos lusitanos, heróis maiores que os antigos gregos e romanos cantados pela Musa.

Camões estruturou *Os Lusíadas* em dez cantos, com 1.102 estrofes, cada uma com oito versos. A pioneira e histórica viagem de Vasco da Gama à Índia foi o mote inspirador do grande poema, abordado na maioria do seus cantos, como na partida da viagem, quando, após suspender do cais do Restelo, a frota foi deixando para trás a terra lusitana:

“Já a vista, pouco a pouco, se desterra / Daquelles pátrios montes, que ficaram; / Ficara o caro Tejo e a fresca serra / De Sintra, e nele os olhos se alongavam...” (C5-3)

“Ficava-nos também na amada terra / O coração, que as mágoas lá deixaram. / E já depois toda se escondeu, / Não vimos mais, enfim, que mar e céu.” (C5-3)

E, no Canto 4, as dores das despedidas:

“Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso / Amor mais desconfia, acrescentavam / A desesperação e frio medo / De já nos não tornar a ver tão cedo,” (C4-86)

Canta-nos, ainda, o poema, as falas que um velho, de aparência respeitável entre as gentes que se despediam na praia do Restelo proferia, dirigidas aos navegantes, falas revoltadas e contrárias às viagens e às conquistas portuguesas no além-mar:

“Mas um velho, de aspecto venerando ... / A voz pesada um pouco alevantando / Que nós no mar ouvimos claramente, / cum saber só experiências feito, / Tais palavras tirou do experto peito:” (C4-94)

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça / Desta vaidade, a quem chamam Fama!! / Que castigo tamanho e que justiça / Fazes no peito vão que muito te ama! / Que mortes, que perigos, que tormentas, / Que crueldades neles experimenta!” (C4-95)

“Oh! Maldito o primeiro que no Mundo, / Nas ondas velas pôs em seco lenho! / ... Mas contigo se acabe o nome e a glória!” (C4-12)



Mas logo os navios começaram a singrar as águas do Atlântico, passando pelas ilhas descobertas no tempo do Infante, em demanda de oceanos nunca antes navegado, assim cantado nos seguintes versos:

“Assim fomos abrindo aqueles mares, / Que geração alguma não abriu, / As novas Ilhas vendo e os novos ares / Que o generoso Henrique descobriu;” (C4-4)

“Passamos a grande ilha da Madeira, / Que de muito arvored assim se chama; / Das que nós povoamos, a primeira, / Mais célebre por nome que por fama.” (C5-5)

Não faltaram belos versos sobre a bravura dos navios a vela enfrentando as ondas:

“Já no largo Oceano navegavam / As inquietas ondas apartando; / Os ventos brandamente respiravam, / Das naus as velas côncavas inchando;” (C1-19)

“Nos altíssimos mares, que cresceram, / A pequena grandura dum batel, / Mostra a possante nau, que move espanto, / Vendo que se sustem nas ondas tanto...” (C4-74)

E a vigilância por quartos de serviço, prática comum a bordo ainda hoje. Como não nos lembrarmos dos tantos e intermináveis “zero às quatro” nos passadiços dos navios, muitas vezes entediadas, quando navegando escoteiros, isolados, na escuridão dos mares?

“O Capitão ilustre, já cansado / De vigiar a noite, que arreceia / Breve repouso então aos olhos dava / A outra gente a quartos vigiava;” (C2-60)

Já no Índico, como cantado nos versos a seguir, a Vasco da Gama foram oferecidos os serviços de competente piloto, como o árabe Ibn Majid, que guiou a frota na travessia até a costa indiana. O piloto a bordo, com acumulado conhecimento e prática, era fundamental naqueles tempos de instrumentos de navegação primitivos e cartas náuticas indisponíveis.

“Piloto aqui tereis, por quem seiais / Guiado pelas ondas sabiamente” (C1-55)

“E se vier do mar, desbaratado, / Do furioso vento e longas vias, / Aqui terás de limpos pen-

samentos / Piloto, munição e mantimentos.” (C2-88)

O uso daqueles então primitivos instrumentos náuticos, essenciais para as observações astronômicas, também é destacado nos versos do poema:

“Pelo novo instrumento do astrolábio, / Invenção de sutil juízo e sábio”

“... Me detenho em tomar do Sol a altura” (C5-25 e 26)

E os perigos, as tempestades, as tormentas que só os homens do mar conhecem, como os nautas portugueses, que as enfrentaram com bravura, cantadas em várias estrofes:

“Contar-te longamente os perigos / Cousas do mar que os homens não entendem / Súbitas trovoadas temerosas / Relâmpagos, que o ar em fogo ascendem, / Negros chuueiros, noites tenebrosas, / Bramidos de trovões que o mundo fendem” (C5-16)

“No mar, tanta tormenta e tanto dano / Tantas vezes a morte apercebida” (C1-106)

Como na difícil aproximação do Cabo da Boa Esperança, onde as águas dos Oceanos Atlântico e Índico se encontram e o mar se apresenta quase sempre bravo:

“Quando uma noite, estando descuidados, / Na cortadora proa vigiando, / Uma nuvem, que os ares escurece, / Sobre nossas cabeças aparece.” (C5-37)

“Tão temerosa vinha e carregada, / Que pôs nos corações um grande medo: / Bramindo, o negro mar de longe brada, / Como se desse em vão nalgum rochedo.” (C5-38)

Ocasão em que, diante do assombroso episódio, o Comandante suplica a Deus:

“Ó Potestade (disse) sublimada, / Que ameaça divino ou que segredo / Este clima e este mar nos apresenta, / Que mor cousa aparece que tormenta?” (C5-38)

Surge, então, uma figura horrenda, parecendo vir das profundezas:

“Se nos mostra no ar, robusta e válida / De disforme e grandíssima estatura;” (C5-39)



“Quem és tu? ... pergunta-lhe Vasco da Gama.
“... Me respondeu, com voz pesada e amara...”
(C5-49)

“Eu sou aquele oculto grande Cabo / A quem
chamais vós outros Tormentório...Aqui toda a
Africana costa acabo / Neste meu nunca visto
Promontório...” (C5-50)

A robusta e estranha figura era o gigante Adama-
stor, que segundo a mitologia grega, ao se re-
belar contra os deuses, foi derrotado e transfor-
mado no Cabo das Tormentas, no extremo sul da
África, episódio mitológico muito bem explorado
por Camões.

Esta passagem me trouxe à memória a nossa
viagem de Guardas-Marinha (GM) quando, na
noite de 15 para 16 de agosto de 1968, o saudoso
Navio-Escola “Custódio de Mello” navegava
entre os cabos das Agulhas e da Boa Es-
perança, no extremo sul da África,
em demanda da Cidade do Cabo.
O mar batia fortemente, fazendo
com que o velho Navio-Escola
jogasse como nunca havia feito
em toda a viagem, com inclina-
ções superiores a 35 graus para
cada bordo. Na coberta dos GM
quase ninguém dormiu, rolando
nos beliches de uma borda à outra,
naquela noite penosa, mas divertida.
Pela manhã, entramos na belíssima baía da
Cidade do Cabo e tudo se acalmou.

Bem, voltemos aos *Lusíadas*.

Ultrapassado o Cabo, a frota de Vasco da Gama
penetrou no Índico e, após cruzar suas águas, al-
cançou a costa indiana, marcante episódio assim
cantado nestes belos versos:

“Quando da etérea gávea um marinheiro, /
Pronto com a vista: Terra! Terra brada. / Salta
no bordo alvoroçada a gente, / Com os olhos no
horizonte do Oriente.” (C5-24)

“Quando da celsa gávea os marinheiros / En-
xergam terra alta, pela proa... / Disse alegre o
Piloto Melindano: / Terra é de Calecu, se não
me engano...” (C4-92)

Belos cantos camonianos que vão se repetir ao
final da viagem, quando os navios demandaram
Lisboa e a alegria tomara conta das tripulações

em razão do regresso ao querido Portugal e do
prazer de contarem sua façanha:

“Assim foram cortando o mar sereno, / Com
vento sempre manso e nunca irado / Até que
houveram vista do terreno / Em que nasceram,
sempre desejado. Entraram pela foz do Tejo
ameno / E a sua pátria e Rei temido e amado...”
(C10-144)

“Levando alegres novas e resposta / Da parte
Oriental para Lisboa ...” (C9-16)

“O prazer de chegar à pátria cara, / A seus pe-
nates caros e parentes, / Pera contar a peregrina
e rara / Navegação os vários céus e gentes...”
(C9-17)

Nos derradeiros versos, a grande poesia épica
nos canta um episódio ocorrido em Éfeso, quan-
do o filósofo grego Formião discursava
diante do general cartaginês Anibal
sobre a arte da guerra e é critica-
do pelo experiente general por
seu saber apenas teórico. Ao
versar sobre o evento, Camões
nos oferece uma admirável
lição sobre a arte da guerra e
a disciplina militar, que não é
aprendida, assimilada, desen-
volvida, senão com o conheci-
mento e a prática, o adestramento:

“De Formião, filósofo elegante / Vereis
como Annibal escarneia, / Quando as artes bé-
licas, diante / Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante / Não se aprende,
Senhor, na fantasia, / Sonhando, Imaginando
ou estudando, / Senão vendo, tratando e pele-
jando.” (C10-153)

Finalizando, o poeta expõe sua longa experi-
ência, seu talento e reconhece o seu incomum e
pleno valor:

“Nem me falta na vida honesto estudo, / com
longa experiência misturado, / Nem engenho,
que aqui vereis presente, / Cousas que juntas se
acham raramente” (C10-154)

CAMÕES NÃO FOI APENAS OS LUSÍADAS

Luís de Camões é considerado, também, um
dos melhores poetas líricos portugueses. Não pos-





so deixar de apresentar, portanto, alguns versos de seus melhores poemas, que tomei emprestado do belo livro *Cinco séculos de sonetos portugueses*, da saudosa Professora Cleonice Berardinelli, a mais longeva integrante da Academia Brasileira de Letras, que nos deixou em 2023, aos 106 anos, uma especialista em poetas lusitanos.

Sobre o amor e a dor:

“Amor é fogo que arde sem se ver / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer”

A saudade e a tristeza:

“Alma minha gentil, que te partiste / Tão cedo desta vida, descontente, / Repousa lá no Céu eternamente / E viva eu cá na terra sempre triste.”

A beleza bucólica da natureza que conforta:

“A fermosura desta fresca serra / E a sombra dos verdes castanheiros, / O manso caminhar destes ribeiros, / Donde toda tristeza se desterra...”

CAMÕES E O FADO

As líricas camonianas, como podemos observar nos breves versos acima, expõem de modo intenso o amor, a dor, a saudade, a tristeza, a beleza... estas características, por suas similitudes com o canto nostálgico e melancólico do Fado, o mais tradicional estilo musical português, atraí-

ram fadistas famosos, de várias gerações, que começaram a cantar aqueles versos em seus cantos. Não por acaso, duas Rodrigues, admiráveis fadistas de épocas distintas, bem representam, na minha apreciação, essa ligação entre Camões e o Fado: a divina Amália Rodrigues, da década de 1960, e a moderna Lina, da geração de cantoras do início dos anos 2000.

Amália da Piedade Rodrigues, também autora de poemas, lançou seu disco “Amália canta Camões” em 1965. Lina Cardoso Rodrigues interpretou o papel de “Amália” em musical em 2005 e, nestes 500 anos do poeta, lança o projeto *Fado Camões*, álbum em que, como diz o Portal do Fado, *a fadista dá voz à poética de Luís Vaz de Camões*. (Portal do Fado.net, 2024).

Lina declarou, em uma entrevista naquele mesmo portal, que ao ler a biografia da Amália observou que ela considerava Camões “o maior fadista que existe e que ele não era para estar fechado numa gaveta nem numa estante!” (Portal do Fado.net, 2024)

Têm razão as duas fadistas: É tempo de tirarmos Camões de nossas estantes e de voltarmos a ler seus belos poemas épicos e líricos. ■

REFERÊNCIAS

- BERARDINELLI, Cleonice. *Cinco séculos de sonetos portugueses de Camões a Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- CAMÕES, Luís de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por RAMOS, Emanuel Paulo. Porto e Belo Horizonte: Porto Editora e Edições Tapir, s.d.
- D'EÇA, Vicente de Almeida. *Luís de Camões Marinheiro*. Empresa Horas Românticas, Abril, 1880. Livro digital.
- SILVA, A.M. Braz da. *Camões Marinheiro*. Rio de Janeiro: INL, 1971.
- TUFANO, Douglas. *Camões na sala de aula: lírica, épica*. São Paulo: Moderna, 2015.
- www.portaldofado.net/content/view

Imagens: *Os Lusíadas - Grande edição ilustrada*. Disponível em <https://tribop.pt/TPd/01/70/Os%20Lus%C3%ADadas>

* Capitão de Mar e Guerra (Ref^o)